



Ciência da religião como profissão: problemas e perspectivas da carreira acadêmica nos países de língua alemã

Oliver Krüger*
Tradução de Frank Usarski

Artigo originalmente publicado sob o título "*Religionswissenschaft als Beruf: Probleme und Perspektiven der universitären Karriere*", no periódico alemão *Zeitschrift für Religionswissenschaft*, v. 24, n. 2, em 2016. Tradução gentilmente autorizada pelo autor.

Observação preliminar

O frequentemente citado lamento de Max Weber (1995, p. 431) de que uma carreira acadêmica é uma escolha de “tudo ou nada”, portanto altamente arriscada, é parcialmente verdadeiro. Por outro lado, o referido sociólogo, atormentado por depressões, não é conhecido por seu otimismo vital e não pode desfrutar de muita credibilidade como instrutor profissional¹. Podemos concordar que alguns aspectos da carreira universitária dependem do acaso. Um aspirante a professor não tem influência sobre o perfil do edital, a composição de uma banca de concurso ou as brigas políticas na instituição. Além disso, quanto à escassez de vagas nas universidades, estamos ainda na mesma situação da época de Weber: há poucos contratos para professor efetivo em relação ao grande número de candidatos (cf. Internationale Expertenkommission, 2016, pp. 25-27).

O presente ensaio resulta de palestras que se deram em diferentes momentos para uma nova geração acadêmica². Não se trata de uma orientação em prol da resposta à pergunta “como me tornar um professor universitário”? Cada situação pessoal é idiossincrática, e não devemos esquecer que estamos diante de uma oferta de menos que 40 vagas para toda a ciência da religião nos países de língua alemã. Em vez disso, pretendo jogar luz sobre aqueles elementos da carreira acadêmica que não estão sujeitos ao acaso³. Essas reflexões têm como principal base minha experiência como membro de bancas de concurso e a análise de 38 biografias acadêmicas de professores cientistas da religião ativos nos países de língua alemã.

* Cientista da religião formado pela Uni Bonn (Alemanha). Professor titular de Ciência da Religião da Uni Freiburg (Suíça). Ex-presidente da Sociedade Suíça de Ciência da Religião. ORCID: 0000-0002-8066-4936 – contato: oliver.krueger@unifr.ch

1 Sobre as depressões de Weber, veja Radkau (2005, pp. 234-250).

2 Um exemplo é o painel de jovens acadêmicos do congresso da IAHR em Erfurt (24-29 ago 2015).

3 Não foram considerados aqui aspectos extra-acadêmicos, como constituir família, saúde etc.

Análise das biografias de cientistas da religião

Para esta análise, levei em consideração apenas currículos de pessoas com doutorado ou livre-docência em ciência da religião⁴. A delimitação se justifica pelo interesse exclusivo pela carreira de cientistas da religião e pelo problema que seria fazer um levantamento empírico de cientistas de outras formações que buscavam inserção na ciência da religião. Isso vale também para representantes da disciplina que fizeram carreira fora dos países de língua alemã ou em outras disciplinas. Foram apenas selecionados para a análise professores com dedicação exclusiva e com contrato efetivo. Isso significa que não foram incluídos professores assistentes (Suíça/Áustria), professores juniores (Alemanha), professores extraorçamentais (Alemanha), professores honorários (Alemanha), professores honorários titulares (Suíça) e professores eméritos aposentados.

A amostra inclui as biográficas de Bochsinger / Schrode (Bayreuth), Krech (Bochum), Hutter (Bonn), Klinkhammer / Auffarth (Bremen), Waldner / Rüpke / Makrides (Erfurt), Gantke / Wenzel (Frankfurt), Gruenschloss / Nagel (Göttingen), Alberts (Hannover), Ahn / Prohl (Heidelberg), Schmitz (Jena), Kleine (Leipzig), Franke (Marburg), Yelle / Pezzoli-Olgiati (Munique), Wilke / Schmidt-Leukel (Münster), Hock (Rostock), Maier (Tübingen), Koch (Klagenfurt), Baier / Heller (Viena), Mohn (Basel), Krüger / Zander (Fribourg), Uehlinger / Lüdeckens (Zurique), Baumann (Luzern), Kollmar-Paulenz / Schlieter / Huber (Berna). Além disso, a idade da convocação dos professores se refere sempre à primeira contratação deles como professores efetivos.

A base de dados assim operacionalizada ofereceu parâmetros para os critérios de seleção por parte das comissões de concursos para professores que foram complementados por minhas experiências pessoais como membro destas comissões. Todavia, não se deve esquecer que mais da metade dos concursos em que tais professores foram contratados ocorreu há mais que 10 anos. Por isso, é possível que no ínterim tenha havido uma leve modificação do peso dos critérios de avaliação dos candidatos.

Em primeiro lugar, foi possível perceber que a grande maioria dos aprovados nos concursos obteve o título de doutor em uma idade relativamente jovem. Em média, os professores contratados tinham 32,5 anos, com os doutores mais jovens com 27 anos quando defenderam suas teses. Enquanto os mais velhos tinham 41 anos, apenas oito deles tinham mais que 34 anos. É importante salientar que quase todos os doutores que defenderam suas teses em idade acima da média já tinham doutorado anterior em outras áreas. Além disso, é importante atentarmos que a data da concessão do título de doutor registrada na maioria dos *curricula vitae* pode não ser exatamente a data de conclusão do doutorado. Uma vez que na maioria dos casos a publicação da tese é o pré-requisito para a obtenção do título nos países de língua alemã, devemos considerar que o depósito da tese em si pode ter ocorrido cerca de 1 a 2 anos antes disso.

Dos 37 professores efetivos trabalhando em cursos de ciência da religião nos países de língua alemã, apenas sete não tinham livre-docência, entre eles três oriundo de

⁴ Baseio-me na lista dos institutos da área publicada pela DVRW, a Associação Alemã da Ciência da Religião (<http://www.dvrw.uni-hannover.de/institute0.html>). Além disso, foram incluídas as cátedras de Koch (Klagenfurt, Áustria) e Huber (Berna, Suíça).

ambientes acadêmicos em que este título não existe. Dos outros quatro, três atuaram como professores substitutos ou professores assistentes antes do concurso. No total, 17 pessoas tinham assumido antes o cargo de professor substituto ou professor assistente, e duas ocuparam simultaneamente as duas posições.

A média etária no momento da obtenção do título de livre-docente foi de 40,4 anos. O intervalo entre o doutorado e a livre docência variou entre três e 22 anos, gerando uma média de 7,9 anos. A metade dos livres-docentes defendeu a tese de livre-docência entre seis a nove anos depois do doutorado.

A média etária no momento da contratação como professor efetivo foi de 43,1 anos, sendo que os mais jovens tinham 33 anos e os mais velhos tinham 55. Mais de dois terços dos professores contratados possuíam experiências internacionais por estudos no exterior ou pesquisa/ensino em outros países.

Diferenças claras apenas foram notadas no que diz respeito à proporção entre os sexos e ao número de estrangeiros entre os aprovados nos concursos. Na Alemanha, nove das 25 vagas de trabalho são ocupadas por mulheres (36%). Na Suíça alemã, são duas vagas de 9 (22%). Na Alemanha, seis professores são estrangeiros (23%). Já na Suíça alemã, apenas uma das nove vagas é ocupada por um professor suíço, o que certamente tem a ver com o estabelecimento tardio da disciplina no país e, conseqüentemente, o número ainda pequeno de livres-docentes em ciência da religião por aqui. Quase todas as respectivas vagas para professores foram criadas ou ganharam um perfil digno da ciência da religião apenas nos últimos 15 anos⁵.

O trabalho das comissões de concurso

Em geral, uma comissão de concurso para professor nas universidades de língua alemã é composta por quatro a até oito professores da respectiva faculdade, na maioria dos casos por dois especialistas externos, além de alguns representantes do corpo discente e do corpo docente sem título de professor.

Uma vez que por aqui a ciência da religião é uma disciplina pequena em quase todas as universidades, com no máximo duas cátedras, muitas vezes apenas um professor da universidade que oferece a nova vaga faz parte da comissão do concurso, e eventualmente se completa a banca com um cientista da religião externo. Este fato é importante para a avaliação das aulas didáticas dos candidatos. Não se pode tomar como garantido que historiadores, filósofos, sociólogos e até mesmo teólogos estão familiarizados com as discussões internas da ciência da religião. Por isso, é necessário manter o equilíbrio entre a alta expectativa acadêmica e uma ampla acessibilidade do ponto de vista das ciências culturais e sociais.

O perfil das vagas é definido por uma comissão de concurso ou por uma comissão estrutural da universidade, eventualmente confirmado pela faculdade ou pela reitoria. Em minha experiência, geralmente há de 20 e 30 candidatos por vaga para as disciplinas pequenas, como no nosso caso. Normalmente o concurso é organizado em três passos.

5 Devido aos dados estatísticos reduzidos referentes às três cátedras na Áustria, não faz sentido interpretá-los.

Num primeiro momento, por uma comparação tabelar⁶, são selecionados os candidatos cujas publicações foram mais bem avaliadas – dependente da situação do concurso, os candidatos devem fornecer entre seis e 12 textos. Geralmente a avaliação de cada candidatura passa por dois membros da banca que apresentam os resultados na reunião seguinte da comissão em forma de um resumo de cinco a dez minutos. Dos candidatos iniciais, entre quatro e sete são convidados pela banca para seguirem para a segunda etapa de avaliação. Cada candidato tem, então, que preparar uma aula didática, geralmente pública, e se submeter a uma conversa pessoal com a comissão. Depois de encerrado este procedimento, a comissão do concurso se reúne para debater e definir a lista com o *ranking* dos candidatos. Esta lista posteriormente será confirmada ou poderá ser modificada pela respectiva faculdade ou reitoria. Em algumas universidades, há a prática de uma avaliação adicional por pareceristas externos. Finalmente, a primeira pessoa da lista é convocada. Caso se trate de uma nova cátedra, as negociações entre o convocado e a administração da universidade (sobre recursos disponíveis para a cátedra, salário e volume de aulas obrigatórias) são obviamente menos complexas e demoram menos.

As três etapas da seleção

Embora não seja possível saber detalhes sobre os debates no conselho da faculdade ou reitoria de uma universidade, é possível deduzirmos algumas tendências do trabalho das comissões de concursos para contratação de professores em ciência da religião. No primeiro nível da seleção constam os critérios formais, como a aderência disciplinar dos candidatos (ter doutorado e livre-docência em ciência da religião), suas publicações-chave (em especial as monográficas, como tese e dissertação), sua competência no que diz respeito ao perfil da cátedra, bem como sua experiência nas áreas de pesquisa e ensino (inclusive como assistente ou professor substituto). Pela minha experiência, a idade dos candidatos quase não é mais relevante nos processos de contratação dos países de língua alemã, mas a duração da formação acadêmica e do doutoramento é frequentemente um tema central. As discrepâncias significativas das faixas etárias no momento da convocação, indicadas pelos currículos dos professores aprovados, confirmam esta impressão de que a idade não importa mais. Também é secundário se o candidato terminou o doutorado com nota máxima ou não. Por isso, recomenda-se à nova geração acadêmica obter uma livre-docência, pois ela sim amplia significativamente as chances de se progredir para a próxima etapa em comparação aos outros candidatos na hora da avaliação tabelar.

No segundo nível, são avaliadas as publicações entregues e decidido sobre quais candidatos serão convocados para as provas didáticas. Por minha experiência em comissões afins, nesse momento a qualidade é decisiva, e não a quantidade, pois ninguém “faz milagres”. Talvez os jovens cientistas às vezes fiquem preocupados com o que publicam,

6 N.E.: Esta etapa é similar ao quadro brasileiro de análise de currículo. A diferença aqui é que não apenas o currículo dos candidatos é avaliado, mas também a qualidade dos textos apresentados para a apreciação da banca do concurso. As notas são elaboradas em tabelas, de acordo com os critérios previstos nos editais para a avaliação da produção dos candidatos.

mas nos anos seguintes ao doutorado ninguém consegue trabalhar com profundidade e em alto nível com vários temas divergentes. Por isso, faz mais sentido apresentar uma ou duas monografias excelentes e alguns artigos ambiciosos. Lembro-me das tentações na fase após o meu próprio doutorado de escrever uma introdução “bonitinha” sobre determinado assunto ou teoria (por exemplo, para a editora Junius⁷), mas até mesmo esse tipo de projeto leva um ou dois anos e são pouco reconhecidos pelas comissões de concurso para professores. O que realmente conta para uma banca de ciência da religião nos países de língua alemã é a inovação, a autonomia, a aplicação autorresponsável de métodos empíricos e históricos (fazer ciência ao invés de teologia), bem como um trabalho teórico de acordo com o *status quo* da discussão da área. Uma vantagem adicional é possuir publicações em línguas estrangeiras, e nesses casos nunca se deve desistir de pagar por revisões de texto feitas por falantes nativos acadêmicos. Além disso, aspectos que desempenham um papel secundário são as experiências no exterior, seja na pesquisa ou no ensino, conforme comprovado pelos currículos analisados.

Em geral, todos os candidatos aprovados pelas comissões para a fase de provas didáticas participam de todas as aulas. Os candidatos devem reservar um tempinho para refletir sobre as particularidades desta situação. O candidato terá apenas entre 30 e 60 minutos para comprovar sua competência diante de uma comissão cujos membros não estão muito familiarizados com a temática, além de estudantes e docentes assistentes da faculdade. É o momento para o máximo empenho didático: interatividade, apresentações de PowerPoint (evite *slides* demais e animações desnecessárias), uma lista de hipóteses e estímulos apropriados para iniciar uma discussão interessante com o público.

O mercado para cientistas da religião

Qual a dimensão do mercado de trabalho para cientistas da religião nos países de língua alemã?⁸ Os cálculos que se seguem, baseados nos currículos analisados, são apenas de natureza hipotética. Geralmente demora menos tempo até que novas vagas sejam abertas e anunciadas, porque acontecem coisas como aposentadorias precoces, doenças ou mudanças de professores catedráticos. Por outro lado, pode ocorrer de uma cátedra ser descontinuada pela transferência a outro departamento, pela redefinição do seu perfil ou pela demanda de que daqui em diante o candidato precisa ser integrante de uma determinada comunidade religiosa. Além disso, devemos tomar cuidado quanto a estipular as coisas por anos. Devido a questões financeiras, as universidades dos países de língua alemã preferem por vezes deixar uma vaga vacante por anos. Há também casos raros em que as próprias comissões do concurso para professores se autoparalisam, até mesmo por alguns anos.

Sob condições regulares, esperamos que nos próximos nove anos 15 cátedras sejam abertas nas faculdades de língua alemã (Bonn, Bremen, Frankfurt, Göttingen, Heidelberg, Münster [2x], Rostock, Viena [2x], Fribourg, Zurique, Berna [2x] e

7 N.E.: Editora alemã conhecida por lançar livros introdutórios sobre diversos assuntos das humanidades.

8 Esta pergunta foi feita por integrantes do meu público em Erfurt.

Luzerna)⁹. Hipoteticamente, estarão disponíveis 17 cátedras entre os próximos 10 e 19 anos. Cinco colegas ainda trabalharão por mais de 20 anos. Devido ao alto número de doutores em ciência da religião (apenas na Suíça há atualmente mais que 60 projetos de doutorado em andamento), recomenda-se também considerar o mercado de trabalho internacional na Escandinávia, nos Países Baixos, no Reino Unido e nos Estados Unidos. Infelizmente, a situação na França e nos países do sul e do leste da Europa é bastante restrita ou geralmente não oferece boas condições de trabalho para professores universitários.

A arte de se ser infeliz e algumas recomendações positivas

As etapas da qualificação acadêmica podem ser consideradas partes de uma fase de teste em que se coloca continuamente a pergunta: Isso é animador? Usando o termo de Max Weber, podemos desenvolver as “paixões” acadêmicas? Isso será suficiente frente às próprias necessidades e capacidades para você se dedicar, no decorrer das décadas por vir, a ler e escrever textos bem como a organizar, administrar e avaliar o trabalho de terceiros?

Em analogia ao famoso livro *Sempre pode piorar ou a arte de ser infeliz*¹⁰ do sociólogo Paul Watzlawick (1921-2007), é possível identificarmos alguns princípios para o planejamento de uma carreira em ciência da religião que podem aumentar a sua chance de atingir a “felicidade” acadêmica¹¹.

1. Tenha, desde cedo como acadêmico, uma vida profissional ideal de cinco dias de trabalho por semana e férias duas vezes ao ano.
2. Pense que a vida de doutorando deve ser “normal”, e que parceiros, amigos e parentes não devem ter problemas em reconhecer quem você é. Fora dos ambientes estudantis, a “normalidade” é atingida por períodos de trabalho e de tempo livre claramente demarcados. Refletir e se organizar sobre isso representa um grande desafio.
3. Não planeje sua vida jogando a âncora na universidade em que você está estudando ou direcionando seus planos em seguir os passos de seu orientador. Esse tipo de planejamento é ilusório, visto as incertezas e a enorme concorrência em jogo.
4. Evite comparações de que Fulano publica muito mais do que você. Ninguém “faz milagres”, como já dissemos.
5. Não grude demais em seu orientador, assim você não será tachado com determinado perfil e evitará ser engolido pelas brigas das diferentes facções acadêmicas.

9 N.E.: Estes dados consideravam a realidade de 2016, quando este artigo foi publicado originalmente.

10 Cf. Watzlawick (2006).

11 Estas ideias não têm a função de dissuasão, mas devem ser lidas como uma “bula” sobre os riscos e efeitos colaterais do planejamento de uma carreira universitária.

Se preferir formulações positivas sucintas dos aspectos acima, as recomendações são as seguintes:

1. Finalize com celeridade o seu doutorado.
2. Qualidade antes de quantidade, ou seja, procure se esforçar com pesquisas autônomas, inovadoras e teoricamente integráveis.
3. Obtenha uma livre-docência.
4. Busque por experiências internacionais.
5. Adquira experiências de vida.
6. Leve em consideração o mercado de trabalho internacional e extra-acadêmico (p. ex. faculdades de pedagogia¹², escolas politécnicas e os institutos de pesquisa).
7. Depois do doutoramento, volte à vida social “normal” (*work-life-balance*).
8. Aproveitar as chances na medida em que aparecem. *Just do it!*

Concluindo, quanto ao pessimismo relativo a este arriscado jogo, é fato que há fatores acidentais fora do nosso alcance pessoal. Mas o acesso depende também do esforço próprio.

Referências

INTERNATIONALE EXPERTENKOMMISSION. Evaluation der Exzellenzinitiative. Endbericht der Expertenkommission. Berlin: Institut für Innovation und Technik, 2016. Disponível em: <https://www.bmbf.de/files/Endbericht_Internationale_Expertenkommission_Exzellenzinitiative.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2016.

RADKAU, Joachim. Max Weber: Die Leidenschaft des Denkens. München: Hanser, 2005.

WATZLAWICK, Paul. Sempre pode piorar ou a arte de ser infeliz: uma abordagem psicológica. São Paulo: E.P.U., 2006.

WEBER, Max. Ciência como vocação. In: WEBER, Max. Metodologia das ciências sociais. v. 2. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. UNICAMP, pp. 431-453, 1995.

Submetido em: 17/11/2021

Aprovado em: 01/08/2022

Editor responsável: Fábio L. Stern

12 N.E.: O autor fala indiretamente sobre as possibilidades que o ensino religioso oferece para cientistas da religião nos países de língua alemã. Como a legislação europeia não prevê o título de licenciatura como no Brasil, lá é comum que os professores de ensino religioso sejam escolhidos por notório saber ou por pertencerem, eles próprios, a determinada religião. Alguma formação em pedagogia, entretanto, tende a ser obrigatória para os países germanófonos.